

## QUANTA VIOLÊNCIA É PRECISO PARA NÃO-SER?<sup>1</sup>

Antonio Alberto BRUNETTA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico, de Marisa Feffermann, consegue envolver o leitor num tema que tem sido, nos últimos tempos, bastante abordado na literatura e no cinema, cujas linguagens são mais palatáveis, se comparadas à linguagem acadêmica de uma tese. Mas é necessário salientar que o livro *Vidas Arriscadas*, ocupa um “lugar” de relevância e faz emergir questões, a partir das quais o leitor não é capaz de se esquivar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens. Trabalho informal. Tráfico.

**ABSTRACT:** *The daily life of young traffic workers, written by Marisa Feffermann, involves the readers inside themes that nowadays is more and more threatened by the literature and movies, which languages are more comprehensive if compared to an academic high school language. Otherwise is necessary to point out that the book named Vidas Arriscadas has great relevance and provoke the reader to reflect about questions that they cannot elicit.*

**KEYWORDS:** *Youth. Informal workers. Traffic.*

*A cultura é uma mercadoria paradoxal. Ela está tão completamente submetida à lei da troca, que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la.*

Adorno & Horkheimer

Raro, nesses tempos, encontrar intelectuais que conciliem lucidez e utopia. Nestes termos é possível qualificar razoavelmente um trabalho de pesquisa realizado sobre tema tão espinhoso, pois arriscado não é apenas a vida do jovem trabalhador do tráfico, mas também de todo aquele que se aproxima desse universo. Os riscos se ampliam ainda mais quando a aproximação se deve à realização de uma pesquisa que é entendida, por seus sujeitos, como investigação, termo apropriado a questões policiais e, portanto, sujeito de ameaça.

O mérito do livro *Vidas Arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*, de Marisa Feffermann, vai mais além, pois consegue envolver o leitor num tema que tem sido, nos últimos tempos, bastante abordado na literatura e no cinema, cujas

<sup>1</sup> Resenha da obra: FEFFERMANN, Marisa. *Vidas Arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis: Vozes, 2006. 352 p.

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – brunetta@fclar.unesp.br.

linguagens são mais palatáveis, se comparadas à linguagem acadêmica de uma tese. Portanto, é necessário salientar que o livro *Vidas Arriscadas*, no campo acadêmico ocupa um “lugar” de relevância, tal como na literatura ocupa *Cabeça de Porco*, de Luiz Eduardo Soares, MV Bill e Celso Athayde; e no cinema “Cidade de Deus”, de Paulo Lins e Fernando Meirelles, além de ‘Tropa de Elite’, de José Padilha.

Insistindo na aproximação deste trabalho de pesquisa acadêmica com as produções artísticas é possível afirmar que *Vidas Arriscadas* faz emergir questões dotadas de tamanha nitidez, que o leitor/espectador não é capaz de se esquivar, sendo obrigado a digerir a leitura com a mesma disposição crítica com que a pesquisadora foi a campo. E, ocupando posição oposta àquela da literatura e do cinema, *Vidas Arriscadas* não pode, em hipótese alguma ou sob qualquer prisma, ser lido e compreendido como entretenimento e diversão. “Divertir significa sempre: não ter que pensar nisso, esquecer o sofrimento até onde ele é mostrado. A impotência é a sua própria base.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.135).

A partir das considerações dos próprios autores, que servem de base à análise empreendida no livro, a pesquisadora se propõe o *Aufhebung*, (superação) que sugere a atenção para obstáculos que se interpõem ao desenvolvimento humano, frente aos quais temos pouca ou nenhuma autonomia, caso não nos dediquemos ao exercício do pensamento crítico.

A noção de *Aufhebung* nos auxilia na compreensão dos processos sociais pela via do reconhecimento da insustentabilidade do racionalismo da identidade; o que significa, para o pensamento crítico, a necessidade de intensificar a negatividade da dialética, objetivando a resistência teórica, e da teoria frente à crescente hegemonia de um mundo em que reflexão e autonomia não são apenas ideais, mas privilégios de classe.

Entre tantas investidas de superação, a principal delas diz respeito à própria assunção das limitações da racionalidade ocidental e burguesa. Feffermann a ela se refere nos seguintes termos: “A ciência burguesa não pode pensar a contradição; deve eliminá-la”. E este é um argumento suficiente para a justificação teórica de sua iniciativa metodológica: uma etnografia num ‘campo minado’; que ousa mergulhar nas subjetividades dos jovens trabalhadores do tráfico, desde suas compreensões sobre o sistema do tráfico, até seus sentimentos mais particulares: a significação da figura materna e seus mais íntimos sonhos.

Ao qualificar a subjetividade em suas análises, a autora não dispensa o trabalho de reconstruir as tramas densas e imensas da figuração atual do tráfico internacional de drogas, suas especificidades nacionais até as dimensões do cotidiano legal (estatal e policial) e ilegal, relacionados ao tráfico de drogas e ao seu combate.

A interdisciplinaridade madura dessa obra é resultado da composição de duas forças intelectuais que sob a batuta da pesquisadora se afinam: a Psicologia e a

Sociologia. As subjetividades compreendidas no livro são as interpretadas em seu processo de estruturação social, marcado pela mesma imobilidade e passividade diante do sistema capitalista e da indústria cultural.

Se por um lado, os jovens do tráfico se apresentam como trabalhadores, cuja intensidade das tarefas é amplificada pela ilegalidade, por outro, em suas relações com a indústria cultural, esses jovens são também mutilados pelo fato concreto de que já vivem sob situação de risco. Enquanto o jovem comum se atira de um *bungee jumping* com o intuito de simular a morte, tendo em vista que o grau de excitação convencional já não o satisfaz, o jovem trabalhador do tráfico vive concretamente a possibilidade de uma morte não simulada. Mesmo assim, apesar de mais real, o ambiente do tráfico não é o correlato imediato de um mundo que se apresenta em vias de superação. Para a autora: “Esses jovens dão potência à expressão de aspectos dessas subjetividades. Subjetividades construídas sob condições objetivas irracionais [...]” (FEFFERMANN, 2006, p.329) e amplamente capturadas pela lógica competitiva da indústria cultural.

A realidade do tráfico se assemelha à dinâmica da sociedade do consumo e, como tal, não garante condições à produção da subjetividade, pois não oferece reconhecimento social para a construção das identidades desses jovens. Apesar de absorver significativa parcela da dimensão simbólica na vida dos jovens e possuir elevada significação social, não se vislumbra a emancipação. Sobretudo quando se considera que o “silêncio é a única forma de proteção” (FEFFERMANN, 2006, p.40). Os dilemas teóricos contemporâneos e a complexidade do tema e do trabalho de campo são articulados de modo fecundo e esclarecedor. As análises dão ao texto um caráter amplamente explicativo, sem perder a profundidade imprescindível à seriedade da análise, que se completa por meio da perspectiva histórico-jurídica com enfoque para processos geopolíticos e geoeconômicos do tráfico de drogas.

O organograma do crime é desenhado em suas características atuais, tomando por lastro a década de 1970, momento a partir do qual a droga é fortemente integrada ao mercado, contribuindo para a alteração das relações entre o legal e o ilegal e para a construção do alibi indispensável à intervenção internacional e nacional, tendo em vista que no caso brasileiro o atual ‘Plano Nacional de Segurança’ ainda carrega consigo a perspectiva do inimigo, o que implica na atuação do Estado por meios legais, mas nem sempre legítimos. Assim, relata a autora:

O discurso estatal assume um papel somente repressor, impedindo o estabelecimento de possíveis fracassos de suas políticas sociais e de segurança. (FEFFERMANN, 2006, p.82)

[...] o poder expressa-se em pura relação de forças. O direito aparece como exigência formal e a justiça como valor abstrato, que ganha novo significado a partir da forma pela qual se desenvolvem as relações sociais na sociedade. (FEFFERMANN, 2006, p.128).

É acrescida à carga de anacronismo da atuação do Estado brasileiro em suas políticas de segurança, uma condição de “democracia ausente de cidadania” na qual não são garantidos o respeito e os direitos humanos, diante das desigualdades da globalização, pois no contexto da sociedade atual a tendência à dissociação e à barbárie se apresenta como produto do regime financeiro internacional, sendo um obstáculo à humanização.

Mesmo pretendendo escutar os jovens para descaracterizar como doentias as infrações realizadas por eles, o livro não negligencia a escuta dos discursos do poder. As entrevistas realizadas com três delegados - um promotor, um juiz e um ouvidor da polícia - são reveladoras da compreensão “sensocomunizada”, dos representantes do poder público, sobre essas questões e uma síntese breve dessas entrevistas aponta para o anacronismo do Estado, a partir da perspectiva de alguns de seus representantes. Elas trazem uma concepção idealizada de Estado forte, enquanto este se mostra vulnerável a interesses de classes e as interferências internacionais. Elas justificam a violência pela desconstrução da família e pela pobreza, considerando que a abrangência das mudanças, na família, não respeita a estratificação social.

Por fim, há um discurso determinista, quanto às causas da violência, diante de uma densa complexidade dos problemas, acrescido de uma perspectiva de combate à criminalidade, apoiada em concepções de recrudescimento, ao mesmo tempo em que se pretende difundir as iniciativas de policiamento comunitário.

Nestes discursos as instituições são consideradas por seus representantes como as responsáveis pela ineficiência de toda ação estatal, dado que o indivíduo, nada pode fazer. Diante desses posicionamentos chama a atenção o fato de que as “instituições” do crime tenham funcionamento tão eficiente, levando-se em conta o alcance das ações do Primeiro Comando da Capital (PCC).

Propondo-se a ressignificar a condição do jovem trabalhador do tráfico, a autora nos permite superar dicotomias por meio de um posicionamento político não fragmentado e a partir do qual afirma com propriedade que a marca distintiva entre o mundo legal e ilegal do consumo é especialmente a não dissimulação da barbárie na esfera do ilegal.

Assim, o medo passa a ser o principal elemento na constituição das identidades destes jovens, cujas vidas arriscadas são também reificadas, impedindo surgimento de alternativas para o restabelecimento de uma sociabilidade que não produza a dissociação.

Ao desafiar os pressupostos teóricos que lhe permitiram essas interpretações, sem desconsiderar o alerta pessimista frankfurtiano, a autora, com toda autonomia que os mesmos frankfurtianos propugnam, afirma:

Os jovens que vivem essa realidade a cada momento se enredam. Todavia, ao se deslocarem, podem encontrar uma brecha, uma possibilidade, ainda que remota. Vivem numa ambigüidade de querer estar dentro e de lutar para sair dessa rede, dessa trama. Resta saber de que rede querem sair ou entrar. A cultura imposta pela indústria cultural os envolve em promessas de inclusão a qualquer preço e os impede, pela discriminação, por estereótipos, de integrar a rede. (FEFFERMANN, 2006, p.198).

#### REFERÊNCIA

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.